

# MATERIAES

PARA O ESTUDO DAS ANTIQUIDADES PORTUGUESAS  
PUBLICADO SOB A DIRECÇÃO  
DO MUSEU DE FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUEOLOGIA:  
CEM ANOS DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA  
NO INTERIOR CENTRO  
CASTELO BRANCO 2008

## SUMMARIO

Directora do Museu – Aida Rechená . . . . .	pag. 5
Sociedade dos Amigos MFTPJ – Celeste Capelo . . . . .	“ 7
Coordenador Científico – Luiz Oosterbeek . . . . .	“ 11
Comunicações . . . . .	“ 15



## CEM ANOS DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA NO INTERIOR CENTRO

Actas do Congresso Internacional de Arqueologia “Cem anos de investigação arqueológica no Interior Centro” (Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, Castelo Branco, 17 a 19 de Abril 2008)

**Propriedade:** Museu Francisco Tavares Proença Júnior

**Editor:** Luiz Oosterbeek

### **Organização:**

Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

### **Apoios na organização:**

Câmara Municipal de Castelo Branco

Câmara Municipal de Idanha-a-Nova

Câmara Municipal de Mação

Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão

Junta de Freguesia de Castelo Branco

FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Caixa de Crédito Agrícola

Instituto Terra e Memória – Museu de Arte Pré-histórica de Mação

Instituto Politécnico de Castelo Branco

Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco

### **Colaboração:**

Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), Instituto de Arqueologia de Mérida (IAM), Instituto Terra e Memória, Centro de Estudos de Mação (ITM), Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC) Junta de Extremadura (JE), Museu de Arte Pré-Histórica de Mação (MAP), Museu Nacional de Arqueologia (MNA), Real Academia de História (RAH), União Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas (UISPP), Universidad Complutense de Madrid (UCM), Universidad de Extremadura (UExt), Universidade Aberta (UA), Universidade Aberta (UA), Universidade de Coimbra (UC), Universidade de Évora (UE), Universidade de Lisboa (UL), Universidade do Minho (UM), Universidade Nova de Lisboa (UNL), Câmara Municipal de Castelo Branco (CMCB), Câmara Municipal de Idanha-a-Nova (CMID), Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior (SAMFTPJ).

### **Adaptação gráfica e paginação:**

Rui Tomás Monteiro

### **Impressão e acabamentos:**

Serviços Editoriais e de Publicação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

**Tiragem:** 200 exemplares

**ISSN:** 1647-9637

Distribuição gratuita

©

# FRANCISCO TAVARES DE PROENÇA JÚNIOR, NO QUADRO DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

João Luís Cardoso<sup>1</sup>

## Resumo

Neste trabalho, apresenta-se uma breve caracterização da Arqueologia portuguesa no período correspondente à actividade científica de Francisco Tavares de Proença Júnior, contextualizando-a no tempo, face às circunstâncias que então determinavam a prática da Arqueologia e os seus principais intervenientes. Para tal, será dada particular atenção à abordagem de algumas das obras por si produzidas, procurando estabelecer para as mesmas os seus possíveis antecedentes e paralelos, no âmbito da investigação desenvolvida por arqueólogos seus contemporâneos.

**Palavras-chave:** Francisco Tavares de Proença Júnior; História da Arqueologia; século vinte.

## Abstract

In this study a brief characterization of Portuguese Archaeology is made for the period when the research

---

<sup>1</sup> Professor catedrático de Pré-História e Arqueologia da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Membro da Associação de Estudos do Alto Tejo. E-mail: arqueolo@univ-ab.pt

activity of Francisco Tavares de Proença Júnior took place, temporally framing it within the context of circumstances that occurred then and guided the practice of archaeology and its intervenient actors. A special attention was given to some of the works produced by this researcher, in an attempt to establish possible precedents and parallels, within the scope of contemporary research.

**Key-words:** Francisco Tavares de Proença Júnior; History of the Archaeology; twenty century.

## 1 – Preâmbulo

A singular figura de Francisco Tavares de Proença Júnior, como arqueólogo, só pode ser cabalmente compreendida desde que inserida no quadro científico da sua época. Nesta curta apresentação, propõe-se a caracterização da realidade portuguesa, com a qual o arqueólogo albicastrense se encontrava familiarizado, no âmbito do objectivo enunciado. Dado que a sua actividade no campo da Arqueologia se desenvolveu em um curto período de oito anos, entre 1903 e 1910, considerou-se necessário, para o devido enquadramento, contemplar um lapso de tempo mais alargado, entre os finais do século XIX e os finais da década de 1920, abordando também as relações estabelecidas com arqueólogos seus contemporâneos que, nalguns casos, contribuíram para a sua formação neste domínio.

## 2 – A formação francesa

O ambiente que Tavares de Proença encontrou em França, aquando da sua precoce presença nos congressos arqueológicos a que compareceu, foi decisivo na sua formação e afirmação como arqueólogo. Pode dizer-se que foi nesse ambiente que se tornou conhecido e respeitado pelos que, na

época, frequentavam os congressos franceses de Arqueologia, antes mesmo de o seu mérito se ter afirmado em Portugal (Fabião, 2004).

Por via da fortuna familiar, que lhe proporcionou a realização de diversas viagens de estudo, facilitadas pela sua educação cosmopolita, participou, com comunicação, nos três primeiros Congressos Pré-Históricos de França, onde era o único português – daí ter sido considerado como representante do seu País – realizados respectivamente em Périgueux (1905), Vannes (1906) e Autun (1907). Nesses e noutros círculos científicos internacionais, estabeleceu contacto com notáveis arqueólogos; a admiração profunda que o unia a alguns deles, foi ao ponto de, relativamente a Édouard Piette, lhe ter dedicado, em 1906 o opúsculo “Eduardo Piette, algumas palavras a seu respeito” (Proença Júnior, 1906 a) (Fig. 1).

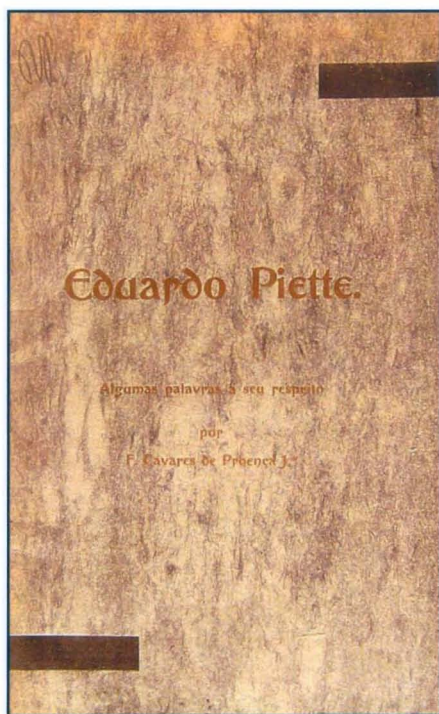


Fig. 1 – Capa do opúsculo dedicado à memória Eduardo Piette.

Noutros casos, o seu reconhecimento expressa-se pelas palavras impressas no início de certos estudos: é o caso de Émile Rivière, homenageado no artigo “O Dr. Capitan e a Notice sur deux monuments épigraphiques” (Fig. 2), onde refuta as palavras, abusivamente acrescentadas pelo visado, numa notícia, por aquele publicada, na “*Révue de l'École d'Anthropologie de Paris*” (Novembro de 1905), a propósito da descoberta dos dois célebres monólitos do Monte de São Martinho (Proença Júnior, 1906 b), cuja autenticidade fora assim questionada. Tais descobertas haviam sido apresentadas, por Proença Júnior à I Sessão do Congresso Pré-Histórico de França (Périgueux, 1905), já referido.

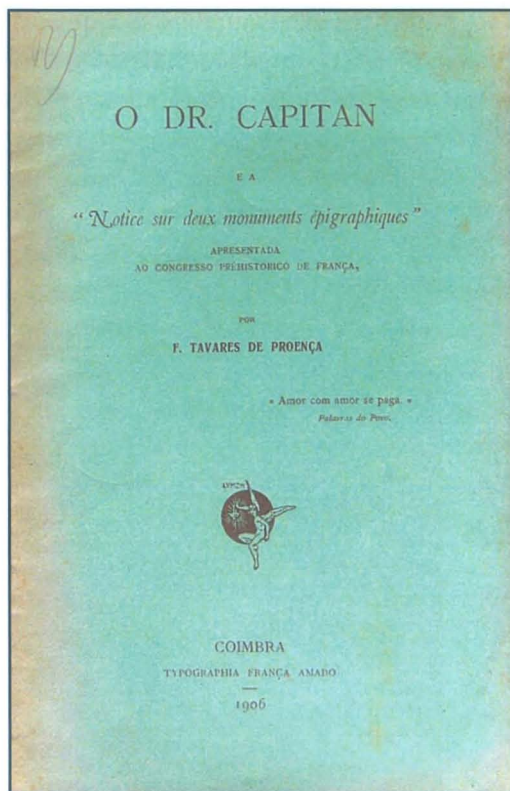


Fig. 2 – Capa do opúsculo de réplica às alegações do Dr. Capitan que exprimiu, dúvidas sobre a autenticidade dos monólitos do Monte de São Martinho (Castelo Branco).

Esta resposta, de assinalável veemência verbal – característica de Tavares de Proença para com todos os seus detractores – invoca, em sua defesa, os nomes de Adrien de Mortillet, Déchelette, Cartailhac, Coutil, Baudoin, entre outros, e evidencia não só o conhecimento dos meandros do meio arqueológico francês mas, também, a actualização dos seus conhecimentos, suportados por um acesso directo às fontes, por si adquiridas, graças ao seu desafogo económico.

O fascínio que deve ter despertado neste português de 23 anos a importância destas reuniões, das quais se sentia fazer parte integrante, as leituras que efectuou das obras e publicações periódicas que, entretanto, iam saindo e, enfim, a admiração, cimentada pelo conhecimento pessoal, que dedicava a alguns dos mais notáveis arqueólogos do tempo, exerceu poderosa influência no seu espírito deslumbrado pela pujança da investigação arqueológica francesa, que contrastava com a realidade portuguesa.

### 3 – Trabalhos realizados em Portugal

Antecedente notável de Tavares de Proença Júnior foi Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga, autor dos quatro volumes da obra-prima, deixada incompleta, “Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos Prehistoricos”, publicados sucessivamente pela Imprensa Nacional em 1886, 1887, 1889 e 1891 (Fig. 3). Esta publicação foi, certamente, inspiradora directa do arqueólogo albicastrense, pela ambição do projecto e demonstração prática da possibilidade de um homem só o concretizar. Escreveu o malogrado arqueólogo algarvio, em folha de papel encontrada no seu Arquivo, conservado no Museu Nacional de Arqueologia: “tenho planeado uma obra em seis volumes, que em breves dias vai ser começada, por não ser possível que tantos e tão variados assumptos pudessem ser subordinados aos estreitos limites de uma simples

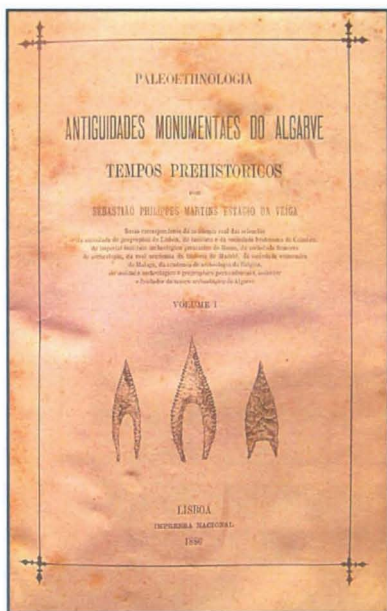


Fig. 3 – Capa do primeiro volume das “Antiguidades Monumentais do Algarve”, de S. P. M. Estácio da Veiga.

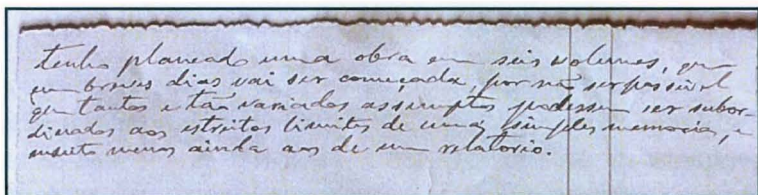


Fig. 4 – Autógrafo inédito de S. P. M. Estácio da Veiga, relativo ao seu projecto de redacção das “Antiguidades Monumentais do Algarve”, em cinco ou seis volumes, dos quais quatro foram publicados em vida do Autor.

memoria, e muito menos ainda aos de um relatório” (Fig. 4). Assim, o autor “Carta Arqueológica do Algarve”, conta-se entre os inspiradores directos de Tavares de Proença, que, em 1910, publicou aquela que viria a ser a sua derradeira obra arqueológica, a “Archeologia do Districto de Castello Branco. 1.<sup>a</sup> contribuição para o seu estudo” (Proença Júnior, 1910 a) (Fig. 5).

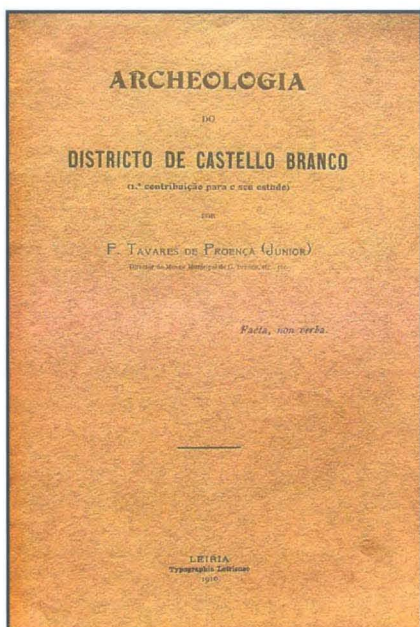


Fig. 5 – Capa da última publicação de Tavares de Proença, que sintetiza as suas investigações no domínio da Arqueologia albicastrense.

Com efeito, assumindo-a como contributo preliminar, para que as suas pesquisas de campo não permanecessem inéditas por mais tempo, nela são evidentes as influências da obra de Estácio, como se verifica na própria legenda da carta arqueológica que a acompanha, elaborada para comprovação das “collecções reunidas naquelle Museu” (o de Castelo Branco, do qual era director) (Fig. 6). Tal como Estácio da Veiga considerava que as “Antiguidades” eram o complemento natural à sua “Carta Arqueológica do Algarve”, e que ambas complementariam o sonhado e efémero Museu Arqueológico do Algarve, de que foi o organizador, que considerava imprescindível à demonstração das antiguidades previamente cartografadas e descritas (Cardoso, 2007), assim Tavares de Proença deveria entender esta obra

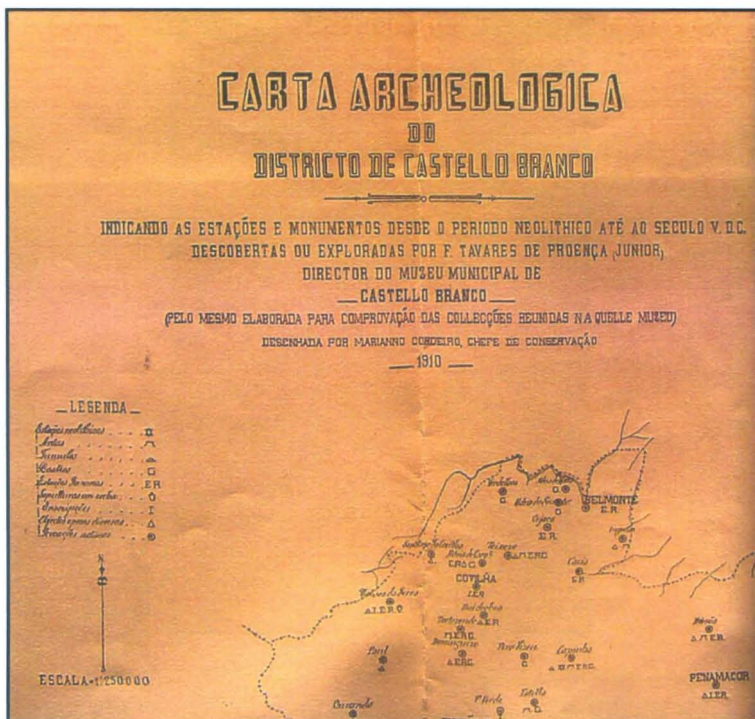


Fig. 6 – Pormenor da legenda da carta arqueológica do distrito de Castelo Branco, que denota inspiração na legenda da “Carta Arqueológica do Algarve-Tempos Pré-Históricos”, publicada por S. P. M. Estácio da Veiga no volume 1 das “Antiguidades Monumentais do Algarve”, em 1886.

como indissociável do próprio Museu que fundara em Castelo Branco e das antiguidades nele expostas. Verifica-se que Tavares de Proença, seguindo os passos de Estácio da Veiga: recolhendo, escavando, cartografando, publicando e, finalmente, musealizando os objectos arqueológicos do seu distrito, foi, contudo, mais feliz do que aquele, pois conseguiu não só organizar, mas, sobretudo, manter aberto, um Museu Municipal de Arqueologia, do qual viria a ser nomeado director e que lhe sobreviveria até à actualidade. Para tal, terá concorrido, naturalmente, o prestígio, poder e influência económica e social da sua família, ao contrário do que se

verificou com Estácio, que era um fidalgo de província, com poucos contactos pessoais na Lisboa cosmopolita da década de 1880, sempre indispensáveis à mobilização de boas-vontades, das quais dependem, muitas vezes, o sucesso de certas empresas.

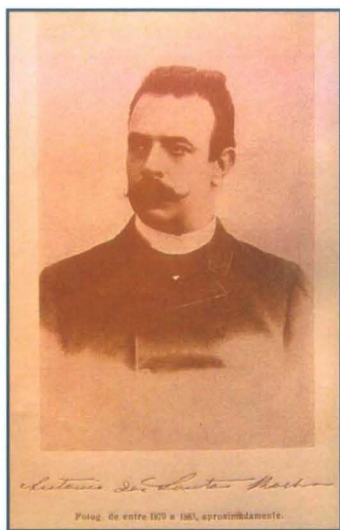


Fig. 7 – António dos Santos Rocha (1853-1910).

Nesta perspectiva, o êxito alcançado, na sua própria terra, por Tavares de Proença, é comparável ao atingido por António dos Santos Rocha (Fig. 7) na Figueira da Foz, cidade onde nasceu (1853) e morreu (1910). Pertencente a influentes famílias da abastada burguesia figueirense, viria a ser ilustre Jurisconsulto e Presidente da Câmara Municipal. A sua actividade arqueológica na região – notabilizada pela publicação da obra monumental, em quatro volumes, “Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira”, oferecida ao Instituto de Coimbra (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1888, 1891, 1895, 1900) (Fig. 8) – foi ampliada através da criação de uma sociedade dedicada às explorações

arqueológicas, fundada em 1898 – a Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz – a qual, em 1904, alterou o seu nome para Sociedade Arqueológica Santos Rocha, homenageando assim o seu fundador e principal animador. Esta agremiação publicou, em 1899, 1900, 1901 e 1903, na revista “Portvgalia. Materiaes para o estudo do povo português”, fundada no Porto em 1899

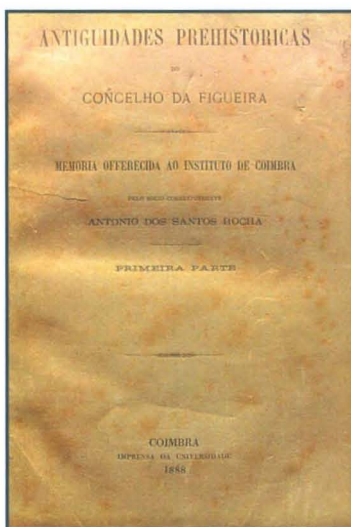


Fig. 8 – Capa do primeiro volume das “Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira”, de António dos Santos Rocha.

e dirigida por Rocha Peixoto (1868-1909) (Fig. 9) e Ricardo Severo (1869-1940), as comunicações apresentadas nas quatro primeiras sessões anuais da Sociedade, das quais foram tiradas separatas (Fig. 10); mas a redução do volume daquela luxuosa revista, imposta pela contenção de custos, obrigou à edição autónoma das sessões anuais de trabalho seguintes. Assim, para tal finalidade, de 1904 a 1909, editou-se o “Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha” (Fig. 11). Bastaria esta realidade para evidenciar a estreita colaboração e relação de amizade que unia os arqueólogos da Figueira aos do Porto, constituídos como alternativa ao poder hegemónico de Leite de Vasconcelos, exercido em todo o País (Fig. 12).



Fig. 9 – António Augusto da Rocha Peixoto (1866-1909).

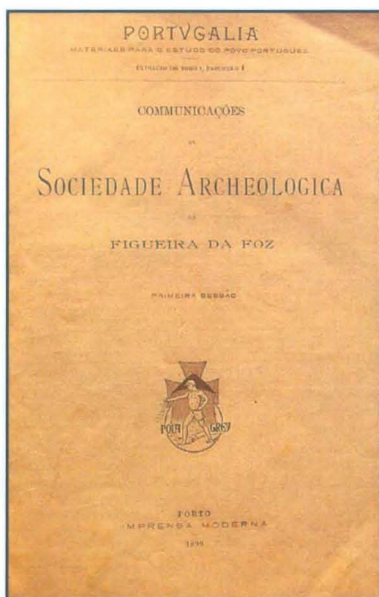


Fig. 10 – Capa do primeiro número das “Comunicações da Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz”, correspondente a separata do Tomo 1 da “Portvgalia” (1899), onde foi inserido.

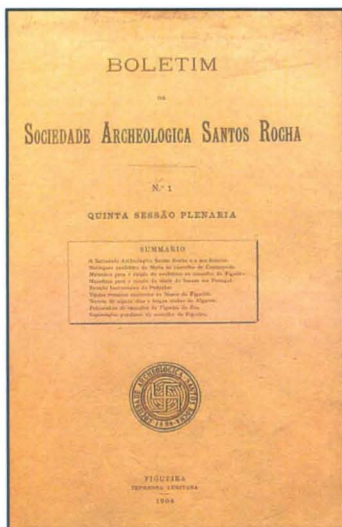


Fig. 11 – Capa do primeiro número do “Boletim da Sociedade Archeológica Santos Rocha” (1904).

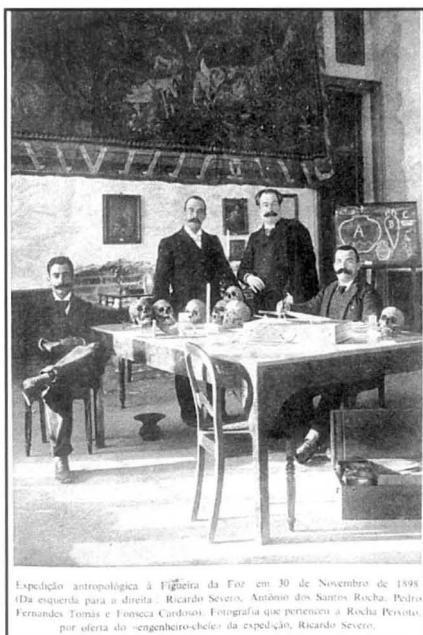


Fig. 12 – Fotografia que evidencia a estreita colaboração entre o “grupo da Portugália”, aqui representado por Ricardo Severo, e a Sociedade Arqueológica Santos Rocha, representado pelo próprio e por outros colaboradores.

Tal como o grupo da “Portvgalia”, Tavares de Proença conferiu à Etnografia e ao Folclore assinalável importância nos seus estudos: no seu último trabalho arqueológico, já mencionado (Proença Júnior, 1910 a), aquela área constituiu um capítulo próprio; e, tal como Santos Rocha e seus colegas, o âmbito geográfico das suas pesquisas estendeu-se muito além dos respectivos espaços privilegiados de actuação – respectivamente a Figueira da Foz e Castelo Branco – procurando, noutras regiões do país, por vezes muito afastadas, elementos que viriam a enriquecer as colecções arqueológicas do museu que dirigia. A própria designação da revista periódica fundada por Tavares de Proença: “Materiaes para o estudo das antiguidades portuguesas”, da qual saíram três números, em 1910, enunciava claramente o âmbito alargado que se lhe pretendia conferir (Fig. 13). Note-se, a propósito, que o

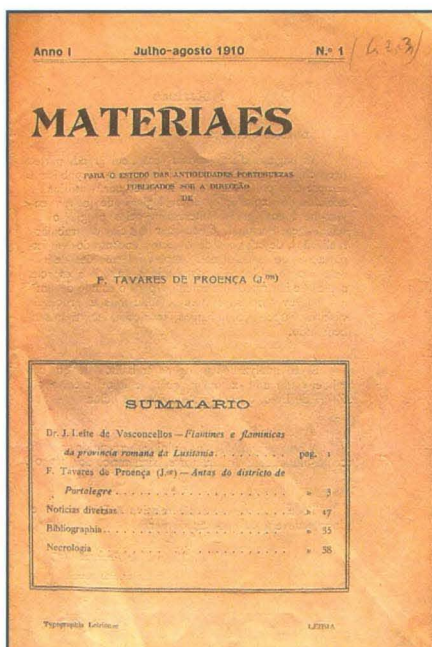


Fig. 13 – Capa do primeiro número da revista “Materiais para o Estudo das Antiguidades Portuguezas”.

termo “Materiaes” já figurava em subtítulo na designação da “Portvgalia”, e viria a constar de um trabalho póstumo de Santos Rocha, os “Materiaes para o estudo da Idade do Cobre em Portugal”, publicado em 1911, no ano seguinte ao do desaparecimento do seu autor. Contudo, é lícito ver-se, também através deste pormenor, influência francesa, tendo presente o nome do prestigiado periódico francês dirigido por Émile Cartailhac, os “Matériaux pour l’Étude de l’ Histoire Primitive et Naturelle de l’Homme”.

Existe, ainda, um traço que aproxima singularmente Tavares de Proença de Santos Rocha: ambos foram fundadores de Museus Municipais, que ainda hoje perduram, mantendo os nomes dos seus patronos.

De forma mais longínqua, Tavares de Proença recebeu a influência de trabalhos de pioneiros da Arqueologia portuguesa, como o que Francisco Pereira da Costa (1809-1889) (Fig. 14)

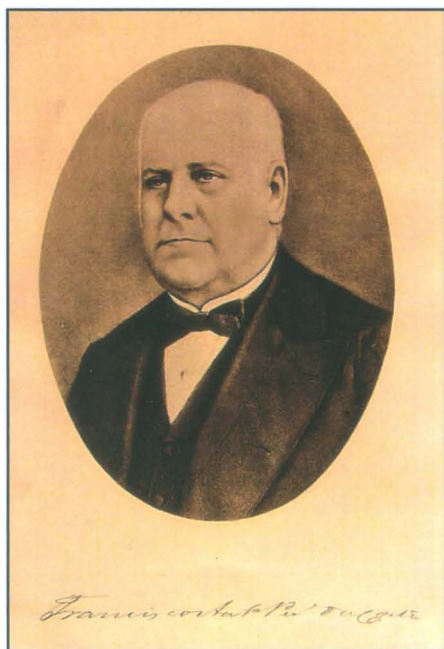


Fig. 14 – Francisco Pereira da Costa (1809-1889).

dedicou ao estudo das antas portuguesas (Costa, 1868) (Fig. 15), citado abundantemente aquando da publicação do artigo “Antas do Districto de Portalegre” (Proença Júnior, 1910 b).

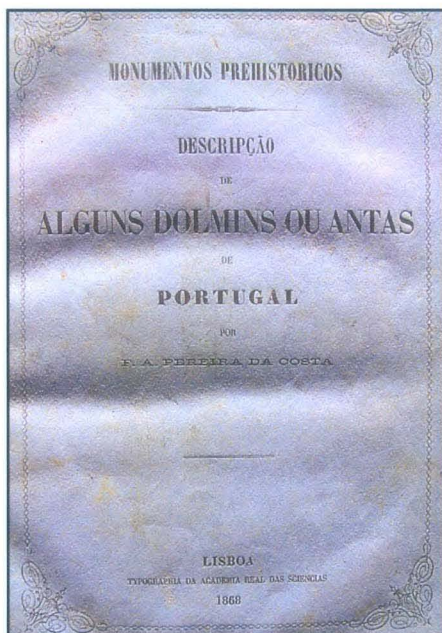


Fig. 15 – Capa da obra de Francisco Pereira da Costa (1868), sobre os monumentos megalíticos de Portugal, onde Tavares de Proença se baseou, aquando da redação do artigo dedicado às antas do distrito de Portalegre, publicado no número 1 dos “Materiais”.

Inspirou-se também em Francisco Martins Sarmento (1833-1899) (Fig. 16), que se destacara nas investigações dedicadas aos castros da Idade do Ferro e aos monumentos megalíticos da região minhota, dando origem a trabalhos, que seguramente consultou. Deplorou, a propósito, a falta de interesse manifestada pela Direcção da Sociedade Martins Sarmento, ao preferir ocupar as páginas do seu órgão científico – a “Revista de Guimarães” – com os relatórios administrativos, em prejuízo da publicação póstuma das explorações de Martins



Fig. 16 – Francisco Martins Sarmiento (1833-1899).

Sarmiento, então em boa parte inéditas, e que tão úteis lhe poderiam ser, no quadro dos seus inventários sobre as antas portuguesas e os recintos fortificados existentes no território português, tarefa a que meteu ombros.

Martins Sarmiento era também o nome de uma Sociedade científica fundada em Guimarães, por um grupo de admiradores, da qual o próprio foi nomeado sócio honorário, em 1882, prática comum, na época e que, como se viu, teve paralelos na Figueira da Foz e, também, no Porto, com a criação da efémera Sociedade Carlos Ribeiro. Esta, deveu-se à iniciativa dos que viriam depois a ser os animadores da “Portvgalia”, sob a égide da qual se editaram, entre 1889 e 1898 os cinco volumes da “Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes”, modelo do positivismo científico e do ecletismo, cultivado pelos seus colaboradores.

No caso de Martins Sarmiento, também os espólios por si recolhidos constituíram o embrião de um Museu, ainda hoje mantido pela referida Sociedade; e, tal como Martins Sarmiento, Tavares de Proença aplicou o pecúlio particular nas suas investigações arqueológicas, tendo, igualmente, sido fotógrafo amador entusiasta, interesse que, aliás, era comum a outros abastados proprietários seus contemporâneos.

Porém, mais do que em qualquer dos arqueólogos já mencionados, foi em J. Leite de Vasconcelos que Tavares de Proença mais se terá inspirado, tomando-o como Mestre, como ele próprio o designa na correspondência. Importa pois, conhecer, ainda que em traços gerais, a actividade daquele que, à época, era já o Director do Museu Etnológico Português (Fig. 17). Leite de Vasconcelos entendia a prática



Fig. 17 – José Leite de Vasconcelos (1858-1941), fotografado junto da necrópole paleocristã de Mértola, que explorou em 1908, correspondente à época em que conviveu com Tavares de Proença (in Cardoso, 2006 b, Fig. 6).

arqueológica executada sob a égide do Museu Etnológico Português, que dirigia, essencialmente sob uma dupla perspectiva:

- 1 – contributo para o enriquecimento das colecções da instituição, através das múltiplas recolhas e explorações que promovia, apoiava ou pessoalmente executava, por todo o País, constituindo-se o Museu como repositório material da vida das gentes que, desde o passado mais remoto, até à actualidade, habitaram o solo nacional;
- 2 – demonstração dos fundamentos antropológicos e culturais mais recuados que admitia terem enformado a constituição do povo português, cujo conhecimento e caracterização buscava. Para atingir este objectivo, adoptou abordagem obrigatoriamente transdisciplinar, desde a Etnografia à Linguística, passando, naturalmente, pela Arqueologia e pela Epigrafia, numa aparente dispersão, criticada por alguns, mas que fazia parte integrante de um ambicioso plano, que se encontrava ainda em plena concretização aquando do seu passamento, depois de uma laboriosa e longa vida, de mais de 80 anos. Foi o mais fiel intérprete e seguidor da sua própria divisa, escrita em grego, encimando o ex-libris heráldico, testemunho da sua ascendência fidalga: “no estudo consiste o prazer”.

J. Leite de Vasconcelos, depois de uma fase de crescente afirmação, em que teve como mestres, no campo da Arqueologia e da Epigrafia, Martins Sarmiento e o alemão Emil Hübnér, assume-se como o mais influente e produtivo arqueólogo português do seu tempo. O mérito da sua actuação foi – o que nem sempre acontece – reconhecido pelos poderes públicos, designadamente por Bernardino Machado, que, enquanto ministro das Obras Públicas da Monarquia, lhe concedeu precioso apoio político, tanto na fundação do Museu (1893), como em ocasiões ulteriores, já em plena República. Tendo

conseguido que o Museu se afirmasse oficialmente em todo o território nacional, rodeou-se de um pequeno conjunto de funcionários de escol, com destaque para Félix Alves Pereira (1865-1936), Oficial e Conservador do Museu (Fig. 18), com



Fig. 18 – Félix Alves Pereira (1865-1936), Oficial e Conservador do Museu Etnológico Português, onde foi dedicado colaborador de José Leite de Vasconcelos.

quem Tavares de Proença estabeleceu contacto amigável, a propósito das investigações arqueológicas que aquele procedeu em dólmenes e em restos romanos do aro de Idanha-a-Velha, de onde levou várias inscrições para o Museu Etnológico. A equipa do Museu incluía técnicos com importantes trabalhos de campo no currículo, como Maximiano Apolinário e Bernardo António de Sá, o que não espanta, dada a ligação orgânica do Museu ao Ministério da Obras Públicas, além

de fotógrafos e notáveis desenhadores, como Guilherme Gameiro, Saavedra Machado e Francisco Valença. Este corpo técnico especializado, parece ter sido inspirado no modelo da Direcção dos Trabalhos Geológicos, organismo a que, inicialmente, se encontrava adstrito o Museu, então chefiado pelo ilustre geólogo e arqueólogo Joaquim Filipe Nery Delgado (1835-1908) (Fig. 19). A estrutura de apoio às

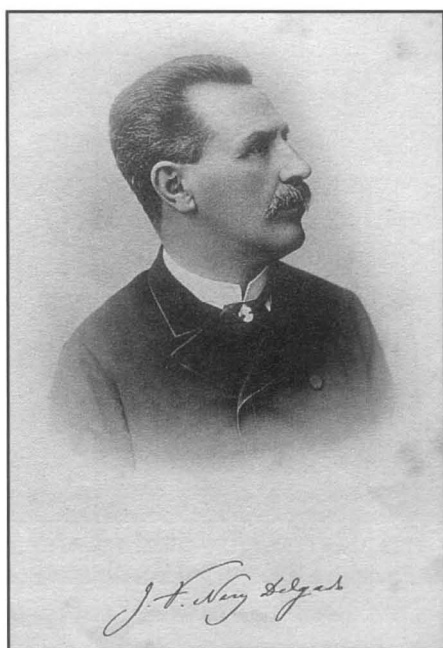


Fig. 19 – Joaquim Filipe Nery Delgado (1835-1908).

actividades do Museu era complementada por uma plêiade de colaboradores espalhados por todo o País. Foi a estes que, em grande parte, se deveu o êxito de “O Arqueólogo Português”, revista oficial do Museu, cujo primeiro volume, saído em 1895 (Fig. 20), se destinava, sobretudo, a dar conhecimento imediato, através de curtas notícias, de tudo quanto se ia

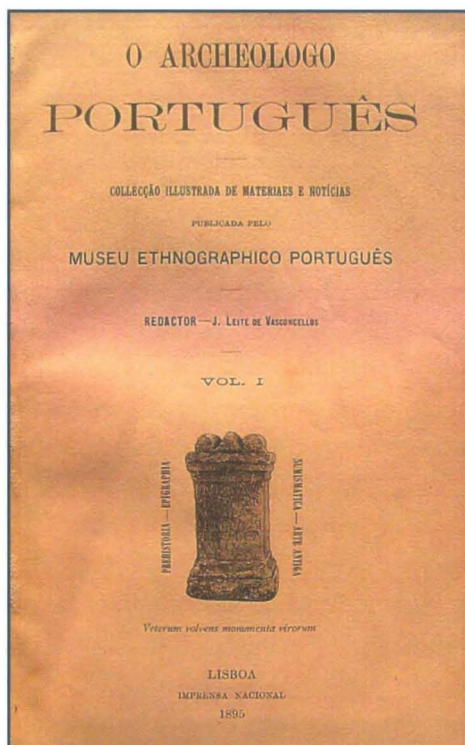


Fig. 20 – Capa do primeiro volume de “O Arqueólogo Português” (1895), órgão científico do Museu Etnológico Português, no campo da Arqueologia.

descobrimo no País, no campo arqueológico, no seu sentido mais lato. Por tal estratégia, foi Leite de Vasconcelos criticado por não promover ou realizar trabalhos mais aprofundados, de carácter doutrinário, das matérias assim tão simplesmente dadas a conhecer. Defendia-se o erudito que não era esse o propósito da revista, sabendo antecipadamente que muitas das notícias, caso não fossem prontamente divulgadas, se perderiam para sempre.

Na sua preocupação de angariar colaboradores, não deixou Leite de Vasconcelos de dar a devida atenção a

Tavares de Proença, à semelhança do que praticava com muitos outros correspondentes espalhados pelo País. A contrapartida obtida por estes, era, naturalmente, a de terem a possibilidade de publicar os resultados das suas descobertas ou breves investigações na prestigiada revista do Museu e, desta forma, auferirem de uma audiência, tanto nacional como internacional, que só por esta via poderiam atingir.

Facilmente se percebe o entusiasmo com que Tavares de Proença recebia as atenções com que Leite de Vasconcelos o distinguia e aconselhava, mesmo ainda antes de se conhecerem pessoalmente, como se verifica numa das missivas recebidas do seu proclamado Mestre, entretanto publicada por C. Fabião, que traçou com detalhe e brilho a biografia do arqueólogo albacastense (Fabião, 2004, p. 17, 18).

Neste sentido, não se distinguia Tavares de Proença de muitos dos colaboradores de “O Arqueólogo Português”, onde, aliás, publicou dois artigos sobre inscrições romanas do distrito de Castelo Branco, nos volumes 12 (1907) e 15 (1910).

É de registar o rigor dos registos de campo, evidenciados na escavação da anta da Urgueira (Tavares de Proença, 1909) (Fig. 21), aqui certamente por influência de Leite de Vasconcelos, que sabia, por experiência própria, do que falava, como mostra a documentação das suas escavações dos dólmenes da região de Montemor-o-Novo, onde registou, embora em esboço as respectivas estratigrafias (Carreira, 1995/1996) (Fig. 22). Por outro lado, Tavares de Proença valorizou o enquadramento geográfico das ocorrências, preocupação evidenciada desde o primeiro (Proença Júnior, 1903) (Fig. 23) ao último dos seus trabalhos (Tavares de Proença, 1910 a), a já mencionada carta arqueológica do distrito de Castelo Branco. Estas preocupações de objectividade e de rigor espelham-se, aliás, na divisa que mandou imprimir na capa desta última publicação: “Facta, non verba”. Neste aspecto, acompanhava de perto a metodologia seguida por outros arqueólogos coevos espalhados pelo País. É o caso

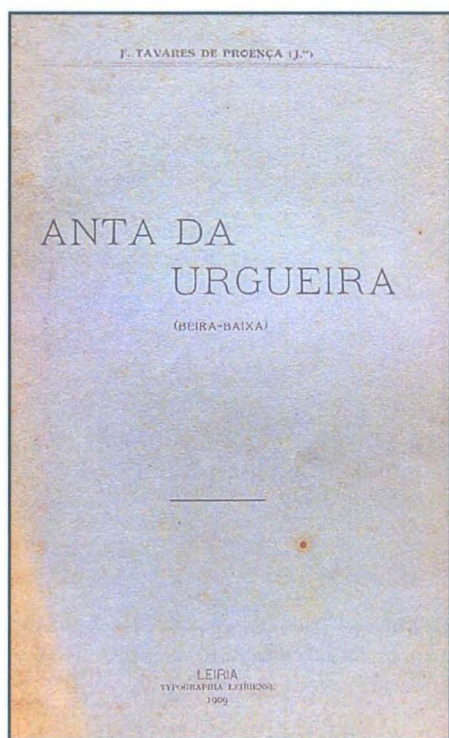


Fig. 22 – Capa do opúsculo “Anta da Urgueira”, onde se publicaram os resultados das explorações ali realizadas por Francisco Tavares de Proença Júnior, que beneficiaram da orientação fornecida por J. Leite de Vasconcelos.

de Fernando Braga Barreiros, que, em 1920, publicou n’*“O Arqueólogo Português”* detalhado estudo, acompanhado de numerosas cartas arqueológicas, intitulado “Materiais para a arqueologia do concelho de Montalegre”; das cartas arqueológicas publicadas por Albino Pereira Lopo, oficial do exército, em diversos volumes de “O Arqueólogo Português”, de castros transmontanos (cf. Vol. 3 (1897), p. 127-128; 4 (1898), p. 48-49; 5 (1899), p. 16-17; 15 (1910), p. 318; 16 (1911), p. 97); e do estudo de Henrique Botelho, relativo à cartografia das antas do concelho de Alijó, publicado também nas páginas daquela revista em 1898 (p. 180-192). Parte destes

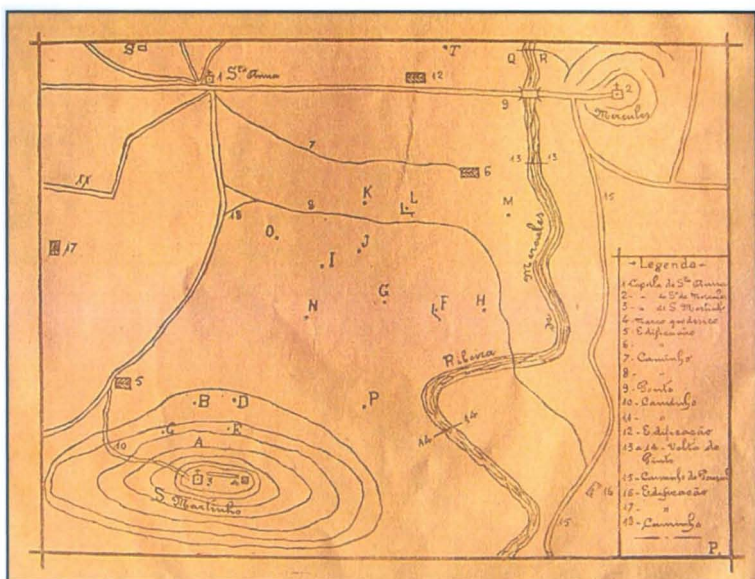


Fig. 23 – Planta topográfica da região do Monte de São Martinho (Castelo Branco), com a indicação de diversas ocorrências arqueológicas identificadas (seg. Proença, 1903, p. 11).

estudos foram, aliás, consultados por Tavares de Proença, quando, em 1908 publicou o seu “Ensaio de inventário dos castros portugueses”, sucedendo ao resumo do tema que, no ano anterior tinha submetido à apreciação internacional (Proença Júnior, 1908 a, 1908 b, 1908 c). Contudo, de entre todos os investigadores que, no seu tempo, se distinguiram no estudos arqueológicos das respectivas regiões, é com o labor de António Inácio Marques da Costa (1857-1933) (Fig. 24), na região de Setúbal, que o desempenho de Tavares de Proença mais se aproxima. Com efeito, aquele oficial do Exército publicou, no “O Arqueólogo Português”, vol. 12 (1907), o “Esboço da carta dos arredores de Setúbal indicativo das estações prehistoricas e romanas” (Fig. 25), no âmbito do seu estudo exaustivo, publicado também em sucessivos números de “O Arqueólogo Português”.



Porém, Tavares de Proença distinguia-se dessa plêiade de colaboradores de Leite de Vasconcelos, a que também pertencia, por uma característica ímpar, que se mencionou logo no início deste estudo: foi conhecido internacionalmente, mesmo antes de, em Portugal, ter os seus créditos firmados como arqueólogo. Nessa medida, não deixa de ser interessante estabelecer paralelismo com outro arqueólogo que despontava para a Arqueologia, quando o ainda jovem albicastrense dela se afastava definitivamente: trata-se de Joaquim Fontes (1892-1960) (Fig. 26) que, ainda aluno finalista do Liceu Camões,



Fig. 26 – Joaquim Fontes (1892-1960).

viria a descobrir, em 1909, a estação paleolítica de Casal do Monte, às portas de Lisboa (Fontes, 1910). Também Fontes viria a estabelecer com Leite de Vasconcelos relações de

estreita proximidade, numa altura em que nada o creditava aos olhos do sábio, a não ser o seu entusiasmo, tal como o do albicastrense, como se comprova, em ambos os casos, pela correspondência que trocaram com o Mestre. E, tal como Tavares de Proença, também Fontes, ainda aluno universitário (neste caso, de Medicina), procurou e conseguiu estabelecer relações científicas internacionais de prestígio, propiciadas pela singularíssima razão de, à época, o Paleolítico Inferior e Médio ser ainda praticamente desconhecido em Portugal, despertando, deste modo, justificado interesse qualquer publicação que sobre ele se fizesse, como as diversas apresentadas no estrangeiro pelo ainda então estudante de Medicina (Oliveira, 1993).

No caso de Fontes, os contactos inicialmente estabelecidos a nível internacional efectuaram-se com arqueólogos espanhóis de nomeada, como Eduardo Hernández-Pacheco, Pedro Bosch-Gimpera, Juan Cabré, Hugo Obermaier e o Conde de la Vega del Sella, o primeiro incitando-o a estabelecer um programa de trabalhos conjunto em Espanha e Portugal, o último proporcionando-lhe a ocasião para visitar e escavar diversas grutas das Astúrias, à semelhança do que viria a verificar-se com Eugénio Jalhay (Cardoso & Melo, 2005; Cardoso, 2006 a).

Assim, é interessante verificar que, até ao final da década de 1920, tanto Joaquim Fontes, como, depois, Eugénio Jalhay, mantiveram uma real cooperação internacional, totalmente à margem das vias oficiais, como acontecera com Tavares de Proença uma década e meia antes. Enfim, à semelhança do sucedido com Tavares de Proença, as prometedoras vias abertas por Fontes no quadro da investigação arqueológica nacional acabaram por estíolar, no caso com a contratação do seu protagonista como docente universitário da Faculdade de Medicina de Lisboa, de que viria a ser catedrático.

Nos finais da década de 1920, o panorama em Portugal estava, contudo, a alterar-se rapidamente, com a aposentação de Leite de Vasconcelos como Professor de Arqueologia da

Faculdade de Letras de Lisboa e o abandono a que foi, por esse motivo, obrigado, do cargo de Director do Museu que fundara (1929): iniciava-se uma nova etapa da Arqueologia portuguesa, que persistiria até à década de 1960, marcada pela emulação entre duas personalidades marcantes: Mendes Correia, oriundo da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, influente investigador e político do seu tempo, e Manuel Heleno, sucessor de Leite de Vasconcelos à frente do Museu Etnológico e na Faculdade de Letras de Lisboa. Mas essa é já uma outra história que virá, a seu tempo, a ser contada...

### Agradecimentos

À Organização deste encontro, pelo convite endereçado para a apresentação desta comunicação.

A Bernardo Ferreira, pela preparação informática das ilustrações apresentadas.

### Bibliografia

- CARDOSO, J. L. & MELO, A. Ávila de (2005) – Correspondência de Joaquim Fontes (1892-1960). Contributos para a história da arqueologia peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 13, p. 191-321.
- CARDOSO, J. L. (2006 a) – Arqueólogos portugueses nas Astúrias nos inícios do século XX. *Astúrias e Portugal. Relações históricas e culturais. Actas do Colóquio (Lisboa, 5 a 7 de Dezembro de 2005)*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, p. 191-233.
- CARDOSO, J. L. (2006 b) – Sebastião Phillippes Martins Estácio da Veiga, José Leite de Vasconcelos e a necrópole do Rossio do Carmo em Mértola. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 24, p. 151-165.
- CARDOSO, J. L. (2007) – Estácio da Veiga e a Arqueologia: um percurso científico no Portugal oitocentista. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 293-520.
- CARREIRA, J. R. (1995/1996) – Escavações de Leite de Vasconcelos e Júlio César Garcia em dolmens de S. Geraldo, Montemor-o-Novo (1898-1900). *Almansiorevista de cultura*. Montemor-o-Novo. 13, p. 5-60.
- COSTA, A. I. Marques da (1907) – Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 12, p. 206-217.

- COSTA, F. A. Pereira da (1868) – *Descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- FABLÃO, C. (2004) – O arqueólogo Francisco Tavares de Proença Júnior. *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior* (A. M. Ferreira, coord.). Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 13-27.
- FONTES, J. (1910) – Estação paleolítica de Casal do Monte. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 15, p. 93-96.
- OLIVEIRA, E. Pires de (1993) – *Bibliografia arqueológica portuguesa (séc. XVI-1934)*. Lisboa: IPPAR/Departamento de Arqueologia.
- PROENÇA, F. Tavares (1903) – *Antiguidades. I – Resultados das explorações feitas nos arredores de Castello Branco em Setembro e Outubro de 1903*. Coimbra: Typographia França Amado, 24 p.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1906 a) – *Eduardo Piette. Algumas palavras a seu respeito*. Coimbra: Typographia França Amado, 15 p.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1906 b) – *O Dr. Capitan e a "Notice sur deux monuments épigraphiques" apresentada ao Congresso Pré-histórico de França*. Coimbra: Typographia França Amado, 15 p.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1906 c) – *Essai de classification des dolmens portugais. Notice adressée à la 2<sup>e</sup> Session du Congrès Pré-historique de France (Vannes, Août, 1906)*. Coimbra: Imprimerie França Amado, 4 p.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1908 a) – *Les enceintes portugaises. Leur classification, leurs types. Notice adressée à la III<sup>me</sup> Réunion du Congrès Pré-historique de France. Automne 1907 (pages 710-711)*. Le Mans: Imprimerie Monnoyer.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1908 b) – *Essai d'un inventaire des enceintes portugaises (Résumé). Notice adressée à la III<sup>me</sup> Réunion du Congrès Pré-historique de France. Automne 1907 (pages 712-713)*. Le Mans: Imprimerie Monnoyer.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1908 c) – *Ensaio de inventario dos castros portugueses*. Leiria: Typographia Leiriense, 43 p.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1909) – *Anta da Urqueira (Beira Baixa)*. Leiria: Typographia Leiriense, 18 p.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1910 a) – *Archeologia do Districto de Castello Branco (1.<sup>a</sup> contribuição para o seu estudo)*. Leiria. Typographia Leiriense, 25 p.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1910 b) – *Antas do districto de Portalegre. Materiaes para o Estudo das Antiguidades Portuguesas*. Leiria. 1, p. 3-16.